

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming
Museu de Arqueologia e Etnologia

Fontes textuais e vestígios materiais para o conhecimento das sociedades do Mediterrâneo Antigo

A utilização de fontes textuais e vestígios materiais deve levar em conta diferenças de natureza e de alcance dessas fontes no seu aproveitamento para o conhecimento das sociedades antigas.

A primeira a ser destacada é que os dois tipos de fontes não se encontram no mesmo nível de abstração: os textos se situam no nível da linguagem, sendo homogêneos ao comentário do filólogo, e os vestígios materiais contêm informações virtuais que devem ser processadas e só passam a existir através da formulação. Seu tratamento consiste em fazer emergir a linguagem. (Não está sendo considerado aqui o texto epigráfico. Este, inscrito em um objeto de pedra ou de outro material, pode ser lido, copiado e transmitido como um texto manuscrito, mas tem, ao mesmo tempo, os referenciais de objeto arqueológico, com seu local de achado, forma e funções que ultrapassam a própria escrita de que é suporte).

A Arqueologia, no estudo de sistemas sócio-culturais, sua estrutura, seu funcionamento e seu comportamento ao longo do tempo, apoia-se sobretudo em informações derivadas de vestígios materiais, mesmo no caso de sociedades que produziram uma documentação textual abundante, como no mundo grego e romano.

Ainda nas especificidades das fontes textuais e vestígios materiais encontram-se as razões desse procedimento metodológico.

Os dois tipos de fontes são extremamente lacunosos e chegaram e chegaram até nós por processos de triagem diferentes: as fontes textuais, com exceção do material epigráfico, são um reduzido universo do que foi produzido e sua exatidão e, até mesmo, sua autenticidade jamais são seguras. Em grande parte são recompilações de textos antigos em épocas posteriores com valores estranhos ao período que os produziu. Os vestígios materiais, por sua vez, considerados tanto isoladamente quanto globalmente, apresentam problemas qualitativos e quantitativos. Isoladamente, enquanto matéria fabricada segundo um programa, sofreram lesões materiais e o programa frequentemente nos escapa. Estas hipóteses, quase definidoras do objeto arqueológico, são levantadas pelo método arqueológico. Quando considerados globalmente, os vestígios materiais, representados principalmente pelo sítio arqueológico, são o produto de sucessivos filtros culturais (resultado de padrões de rejeito, abandono etc.) e naturais (interferência de fatores biológicos, clima, ações de animais e outros organismos, processos geomorfológicos etc., sobre essa deposição).

Antes de analisar a natureza da informação que os dois tipos de fontes trazem para o conhecimento das sociedades antigas, é necessário discorrer como são recuperadas as informações nos dois campos.

A documentação textual, além da análise do filólogo – que efetua um trabalho de sistematização dos textos e determina seu significado, frequentemente em termos de história linguística e cultural –, é objeto de outros tipos de controle pelos historiadores que consideram as condições de constituição do documento, os horizontes de expectativa, a apreciação da linguagem verbal e da escrita como fato social. Embora esta não seja uma preocupação corrente entre os historiadores da Antiguidade (Meneses 1983: 110).

O trabalho com vestígios materiais para recuperação da informação visa aproximar o sítio arqueológico ou o documento material do sistema cultural que o produziu, resgatando as diversas trajetórias do artefato, partindo do estágio final, o rejeito (que pode comportar reparações, re-uso, reciclagem), para o inicial, da aquisição da matéria-prima, passando-se pelo consumo, circulação, produção. Esta perspectiva requer que se dê à produção e ao consumo igual peso ao que é dado ao produto. Dessa forma, consegue-se desfeticizar o artefato. "Os vestígios materiais ... são apreensíveis à Arqueologia amputados de uma metade: aquilo que produziu este vestígio, evento natural ou programa técnico, permanece uma incógnita. A interpretação arqueológica não é outra coisa senão a restauração desta metade que falta, a qual depende de um modelo propriamente sociológico" (Bruneau 1975: 37).

Com relação a este programa subjacente à produção dos vestígios materiais, considere-se que o autor antigo exprime em seu texto o que emergiu à consciência do mundo em que vivia, denotando uma compreensão forçosamente incompleta e subjetiva do que está contido nos vestígios arqueológicos. Portanto, a informação sociológica dos autores antigos que possa ser extraída é pré-existente à pesquisa arqueológica e acarreta o risco de reduzir a Arqueologia a uma ilustração de fatos previamente conhecidos. Deve ser combatida a hierarquia texto/documento material, na qual, tradicionalmente, é marginalizada a cultura material. Todo objeto detém uma riqueza de informação que absolutamente não se esgota naquilo que os contemporâneos apreenderam, da mesma forma que não se esgota na descrição que o arqueólogo propõe hoje.

Outra característica dos textos antigos é que em sua grande maioria referem-se a aspectos superestruturais, e são extraordinariamente escassas as fontes que comentam os aspectos estruturais, como o trabalho e a produção (Carandini 1975: 24-25). Sob este aspecto, e em oposição à documentação textual, o documento material tem a vantagem de estar menos permeado ideologicamente, apresentar facilidades para tratamento quantitativo e comparativo, ter o caráter preponderante de anonimato. Este caráter de anonimato, associado à serialidade, à repetição, faz dos artefatos excepcional veículo para o estudo do cotidiano, do comum.

Sendo os textos perfeitamente apropriados à narração, à explicitação dos motivos e das intenções, têm um papel fundamental na narração dos eventos, indicação de programas e de necessidades, na atestação da existência de objetos percíveis não apreensíveis pela Arqueologia, cuja realidade pode ter uma grande importância para a interpretação. Este conjunto da documentação textual deve entrar, portanto, na última etapa do trabalho arqueológico, quando se chega à

proposta de uma série de dados do objeto, a um "registro civil" conhecido pelos antigos usuários, mas que o tempo cancelou.

Referências bibliográficas

BEZERRA DE MENESES, U.T.

1983 A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, 115 (n.s.) julho-dezembro: 103-117.

BRUNEAU, Ph.

1974 Sources Textuelles et Vestiges Materiels: Reflexions sur l'Interpretation Archéologique. In *Melanges Georges Daux*: 33-42.

BRUNEAU, Ph.

1975 Situation Methodologique de l'Histoire de l'Art Antique. *L'Antiquité Classique*, 44: 425-487.

CARANDINI, A.

1975 *Archeologia e Cultura Materiale*. Lavori senza gloria nell'antichità classica.